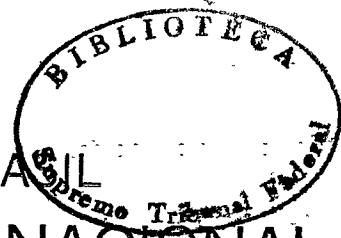




REPÚBLICA FEDERATIVA DO BRASIL

DIÁRIO DO CONGRESSO NACIONAL



ANO XXVI — N.º 6

SEXTA-FEIRA, 23 DE ABRIL DE 1971

BRASÍLIA — DF

CONGRESSO NACIONAL

ATA DA 13.ª SESSÃO CONJUNTA EM 22 DE ABRIL DE 1971

1.ª Sessão Legislativa Ordinária da 7.ª Legislatura

SESSÃO SOLENE COMEMORATIVA DO DIA DA COMUNIDADE LUSO-BRASILEIRA

PRESIDÊNCIA DO SR. PETRÔNIO PORTELLA

As 11 horas, acham-se presentes os Srs. Senadores:

Adalberto Sena — José Guiomard — Geraldo Mesquita — José Lindoso — José Esteves — Cattete Pinheiro — Milton Trindade — Renato Franco — Alexandre Costa — Clodomir Millet — José Sarney — Fausto Castello-Branco — Petrônio Portella — Helvídio Nunes — Virgílio Távora — Waldemar Alcântara — Wilson Gonçalves — Dianarte Mariz — Duarte Filho — Domício Gondim — Milton Cabral — Ruy Carneiro — João Cleofas — Wilson Campos — Arnon de Mello — Luiz Cavalcanti — Teotônio Vilela — Augusto Franco — Leandro Maciel — Lourival Batista — Antônio Fernandes — Heitor Dias — Ruy Santos — Amaral Peixoto — Paulo Tôrres — Vasconcelos Torres — Benjamin Farah — Danton Jobim — Nelson Carneiro — Benedito Ferreira — Emíval Caiado — Ozires Teixeira — Fernando Corrêa — Filinto Müller — Saldanha Derzi — Accioly Filho — Matos Leão — Ney Braga — Antônio Carlos — Celso Ramos — Lenoir Vargas — Daniel Kriegér — Guido Mondin — Tarso Dutra.

E OS SRS. DEPUTADOS

Acre

Joaquim Macêdo — ARENA; Nossa Senhora da Piedade — ARENA; Ruy Lino — MDB.

Amazonas

Joel Ferreira — MDB; Leopoldo Peres — ARENA; Rafael Faraco — ARENA.

Pará

Américo Brasil — ARENA; Édison Bonna — ARENA; Gabriel Hermes — ARENA; João Menezes — MDB; Júlio Viveiro — MDB; Juvênia Dias — ARENA; Pedro Carneiro — ARENA; Stélio Maroja — ARENA.

Maranhão

Américo de Souza — ARENA; Eurico Ribeiro — ARENA; Freitas Diniz — MDB; Henrique de La Rocque — ARENA; João Castelo — ARENA; Nunes Freire — ARENA; Pires Saboia — ARENA.

Piauí

Dyrno Pires — ARENA; Heitor Cavalcanti — ARENA; José Pinheiro Machado — ARENA; Milton Brandão — ARENA; Paulo Ferraz — ARENA; Severo Eulálio — MDB; Souza Santos — ARENA.

Ceará

Edilson Melo Távora — ARENA; Ernesto Valente — ARENA; Flávio Marçilio — ARENA; Furtado Leite — ARENA; Hildebrando Guimarães — ARENA; Januário Feitosa — ARENA; Jonas Carlos — ARENA; Leão Sampaio — ARENA; Manoel Rodrigues — ARENA; Marcelo Linhares — ARENA; Osiris Pontes — MDB; Ossian Araripe — ARENA; Paes de Andrade — MDB; Parsifal Barroso — ARENA.

Rio Grande do Norte

Antônio Florêncio — ARENA; Grimaldi Ribeiro — ARENA; Henrique Eduardo Alves — MDB; Pedro Lucena — MDB; Vingt Rosado — ARENA.

Paraíba

Alvaro Gaudêncio — ARENA; Antônio Mariz — ARENA; Cláudio Leite —

ARENA; Janduhy Carneiro — MDB; Marcondes Gadelha — MDB; Petrônio Figueiredo — MDB; Teotônio Neto — ARENA; Wilson Braga — ARENA.

Pernambuco

Aderbal Jurema — ARENA; Airon Rios — ARENA; Carlos Alberto Oliveira — ARENA; Etilvino Lins — ARENA; Fernando Lyra — MDB; Geraldo Guedes — ARENA; Gonzaga Vasconcelos — ARENA; Joaquim Coutinho — ARENA; Josias Leite — ARENA; Lins e Silva — ARENA; Magalhães Melo — ARENA; Marco Maciel — ARENA; Marcos Freire — MDB; Thales Ramalho — MDB.

Alagoas

Geraldo Buñhões — ARENA; José Alves — ARENA; José Samipalo — ARENA; Oceano Carleial — ARENA.

Sergipe

Eraldo Lemos — ARENA; Francisco Rollemberg — ARENA; Luiz Garcia — ARENA; Raimundo Diniz — ARENA; Passos Pôrto — ARENA.

Bahia

Djalma Bessa — ARENA; Edvaldo Flóres — ARENA; Fernando Magalhães — ARENA; Francisco Pinto — MDB; Hanequim Dantas — ARENA; Ivo Braga — ARENA; João Alves — ARENA; José Penedo — ARENA; Lomanto Júnior — ARENA; Luiz Braga — ARENA; Manoel Novaes — ARENA; Necy Novaes — ARENA; Odulfo Domingues — ARENA; Prisco Viana — ARENA; Rogério Rêgo — ARENA; Ruy Bacelar — ARENA; Theódulo de Albuquerque — ARENA; Tourinho Dantas — ARENA; Vasco Neto — ARENA; Walson Lopes — MDB; Wilson Falcão — ARENA.

Espírito Santo

Argilano Dario — MDB; Elcio Alvares — ARENA; José Carlos Fonseca —

EXPEDIENTE

SERVIÇO GRÁFICO DO SENADO FEDERAL

EVANDRO MENDES VIANNA
DIRETOR-GERAL DO SENADO FEDERAL

WILSON MENEZES PEDROSA
SUPERINTENDENTE

LENYR PEREIRA DA SILVA
Chefe da Divisão Administrativa

MAURO GOMES DE ARAÚJO
Chefe da Divisão Industrial

NELSON CLEÔMENIS BOTELHO
Chefe da Seção de Revisão

DIÁRIO DO CONGRESSO NACIONAL

Impresso sob a responsabilidade da Mesa do Senado Federal

ASSINATURAS

Via Superfície:

Semestre Cr\$ 20,00
Ano Cr\$ 40,00

O preço do exemplar atrasado será acrescido de Cr\$ 0,02

Via Aérea:

Semestre Cr\$ 40,00
Ano Cr\$ 80,00

Tiragem: 15.000 exemplares

ARENA; José Tasso de Andrade — ARENA; Parente Frotta — ARENA.

Rio de Janeiro

Adolpho Oliveira — MDB; Alberto Lavinas — MDB; Ário Theodoro — MDB; Dayl de Almeida — ARENA; Daso Coimbra — ARENA; Hamilton Xavier — MDB; José Haddad — ARENA; José Sally — ARENA; Luiz Braz — ARENA; Márcio Paes — ARENA; Moacir Chiesse — ARENA; Osmar Leitão — ARENA; Peixoto Filho — MDB; Silva Barros — ARENA; Walter Silva — MDB.

Guanabara

Alcir Pimenta — MDB; Bezerra de Norões — MDB; Célio Borja — ARENA; Eurípides Cardoso de Menezes — ARENA; Florim Coutinho — MDB; José Bonifácio Neto — MDB; JG de Araújo Jorge — MDB; Léo Simões — MDB; Lisâneas Maciel — MDB; Lopo Coêlho — ARENA; Marcelo Medeiros — MDB; Nina Ribeiro — ARENA; Osnelly Martinelli — ARENA; Reynaldo Santana — MDB; Rubens Berardo — MDB; Waldemiro Teixeira — MDB.

Minas Gerais

Aécio Cunha — ARENA; Altair Chagas — ARENA; Athos de Andrade — ARENA; Aureliano Chaves — ARENA; Bento Gonçalves — ARENA; Bias Fortes — ARENA; Carlos Cotta — MDB; Delson Scarano — ARENA; Edgard Pereira — ARENA; Elias Car-

mo — ARENA; Fábio Fonsêca — MDB; Fagundes Netto — ARENA; Francelino Pereira — ARENA; Geraldo Freire — ARENA; Homero Santos — ARENA; Hugo Aguiar — ARENA; Jairo Magalhães — ARENA; João Guido — ARENA; Jorge Ferraz — MDB; Jorge Vargas — ARENA; José Bonifácio — ARENA; José Machado — ARÉNA; Manoel de Almeida — ARENA; Manoel Taveira — ARENA; Murilo Badaró — ARENA; Navarro Vieira — ARENA; Nogueira de Rezende — ARENA; Ozanan Coêlho — ARENA; Padre Nobre — MDB; Pau- lino Cicero — ARENA; Renato Aze- redo — MDB; Silvio de Abreu — MDB; Sinval Boaventura — ARENA.

São Paulo

Adhemar de Barros Filho — ARENA; Aldo Lupo — ARENA; Alfeu Gasparini — ARENA; Amaral Furlan — ARENA; Arthur Fonsêca — ARENA; Athiê Coury — MDB; Baldacci Filho — ARENA; Baptista Ramos — ARENA; Cantídio Sampaio — ARENA; Chaves Amarante — ARENA; Dias Menezes — MDB; Diogo Nomura — ARENA; Faria Lima — ARENA; Fernandes Lopes — ARENA; Francisco Amaral — MDB; Freitas Nobre — MDB; Ildélio Martins — ARENA; Italo Fittipaldi — ARENA; João Ar- ruça — MDB; José Camargo — MDB; Maurício Toledo — ARENA; Monteiro de Barros — ARENA; Orensy Rodri-

gues — ARENA; Paulo Alberto — ARENA; Pedroso Horta — MDB; Plínio Salgado — ARENA; Roberto Gebara — ARENA; Ruydalmeida Barbo- sa — ARENA; Salles Filho — ARENA; Santilli Sobrinho — MDB; Sussumu Hirata — ARENA; Ulysses Guima- rães — MDB.

Goiás

Anapolino de Faria — MDB; Ary Valadão — ARENA; Brasílio Caiado — ARENA; Fernando Cunha — MDB; Henrique Fanstone — ARENA; Jarmund Nasser — ARENA; José Freire — MDB; Juarez Bernardes — MDB; Rezende Monteiro — ARENA; Siqueira Campos — ARENA; Wilmar Gui- marães — ARENA.

Mato Grosso

Emanuel Pinheiro — ARENA; Garcia Netto — ARENA; Gastão Müller — ARENA; João da Câmara — ARENA; Marcílio Lima — ARENA; Ubaldo Barém — ARENA.

Paraná

Agostinho Rodrigues — ARENA; Alberto Costa — ARENA; Alencar Furtado — MDB; Alípio Carvalho — ARENA; Ardinal Ribas — ARENA; Ary de Lima — ARENA; Arnaldo Bu- sato — ARENA; Arthur Santos — ARENA; Emílio Gomes — ARENA; Fernando Gama — MDB; Ferreira do Amaral — ARENA; Flávio Giovine — ARENA; Italo Conti — ARENA; João

Vargas — ARENA; Maia Netto — ARENA; Mário Stamm — ARENA; Olivir Gabardo — MDB; Silvio Barros — MDB; Túlio Vargas — ARENA; Zacharias Seleme — ARENA.

Santa Catarina

Abel Ávila — ARENA; Adhemar Ghisi — ARENA; Albino Zeni — ARENA; Aroldo Carvalho — ARENA; Dib Cherem — ARENA; Francisco Grillo — ARENA; Francisco Libardoni — MDB; Jaison Barreto — MDB; João Linhares — ARENA; Laerte Vieira — MDB; Pedro Collin — ARENA; Pedro Ivo — MDB; Wilmar Dallanhol — ARENA.

Rio Grande do Sul

Alceu Collares — MDB; Aldo Fagundes — MDB; Amaral de Sousa — ARENA; Amaury Müller — MDB; Antônio Bresolin — MDB; Ary Alcântara — ARENA; Árnaldo Prieto — ARENA; Cid Furtado — ARENA; Clóvis Stenzel — ARENA; Daniel Faraco — ARENA; Eloy Lenzi — MDB; Getúlio Dias — MDB; Harry Sauer — MDB; Jairo Brum — MDB; José Mandelli — MDB; Lauro Leitão — ARENA; Lauro Rodrigues — MDB; Mário Mondino — ARENA; Marques Fernandes — ARENA; Nadyr Rossetti — MDB; Norberto Schmidt — ARENA; Sinval Guazelli — ARENA; Vasco Amaro — ARENA; Victor Issler — MDB.

Amapá

Antônio Pontes — MDB.

Rondônia

Jerônimo Santana — MDB.

Roraima

Silvio Botelho — ARENA.

Compõem a Mesa, à direita do Sr. Presidente, o Sr. Deputado Luiz Braga, 1.º-Vice-Presidente da Câmara dos Deputados, e os Srs. Senadores Ney Braga e Guido Mondin, respectivamente, 1.º e 3.º-Secretários; à esquerda, os Srs. Senadores Clodomir Millet e Duarte Filho, respectivamente, 2.º e 4.º-Secretários.

O SR. PRESIDENTE (Senador Pe-trônio Portella) — Declaro aberta a sessão solene do Congresso Nacional destinada a comemorar o transcurso do "Dia da Comunidade Luso-Brasileira".

Sr. Ministro das Relações Exteriores, Sr. Embaixador de Portugal, Senhores Representantes Diplomáticos acreditados junto ao Governo brasileiro, Srs. Ministros de Estado, Srs. Presidentes de Tribunais, Srs. Representantes das Forças Armadas, Sr. Governador do Distrito Federal, demais autoridades civis e militares, meus Senhores e minhas Senhoras, Srs. Congressistas, os oradores, em tóda a sua eloquência, traduzirão, por certo, a significação deste ato solene — manifestação unânime do povo — mas longe estarão de dar às palavras, não obstante sua fulgorância e beleza, tudo que na alma de todos nós há, em vínculos indissolúveis, a predenrem, pela determinação da benquerença e da estima, posso dizer do amor, dois povos, duas bandeiras, duas Nações — como se soberania não houvesse e dela não fôssem tão ciosos — fazendo, sem limites, a comunhão que é um encontro permanente e eterno, que não depende de leis, pactos ou tratados, porque nasce das afinidades maiores, sobranceiras ao pequeno, eventual, transitório; a que não esmaece ante as vicissitudes dos caminhos, nem sempre iguais, não raro diversos.

No âmbito das relações internacionais, marcado pelo tumulto que os interesses geram, a ambição cria, a paixão fermenta, valha o nosso exemplo de identificação e de concórdia, que não está sólamente na língua, que é patrimônio comum, na religião, que dádiva de Deus, no sangue, que é o mesmo dos nossos antepassados, mas na consciência de que somos irmãos, comum é o nosso destino, brotando, então, da nascente mais pura — o coração — profundas e indestrutíveis, a honra, a ufania, direi a glória, de sermos membros da comunidade luso-brasileira.

O dia de hoje registra e soleniza o culto de todas as horas, negando fronteiras e distâncias para afirmar que Lisboa é a Capital dos brasileiros de além-mar, e Brasília é, nas Américas, a Catedral onde hoje e agora, bendizando o passado, afirmamos, acima dos tempos, as exceções de uma comunidade voltada para o futuro e disposta a alcançar tudo que valorize o homem e lhe conceda os bens e serviços indispensáveis à paz, à felicidade, necessariamente fim do afanoso esforço da revolução tecnológica.

A solenidade, pois, nossa é, mas suas aspirações vêm dos nossos povos, aos quais esperamos ser fiéis sempre, na mesma altura em que hoje nos situamos, proclamando a alegria e a ventura de sermos irmãos, português e brasileiros.

O Congresso, por seus oradores, dirá, e bem, da tocante solenidade que aqui se realiza, afirmado, exaltando e cantando a comunhão que traz em si um edificante exemplo para um mundo abalado pela discórdia e pela dissensão. (Palmas.)

O SR. PRESIDENTE (Senador Pe-trônio Portella) — Concedo a palavra, para falar em nome do Senado Federal, ao Senador Nelson Carneiro.

O SR. SENADOR NELSON CARNEIRO (Lê.) — Sr. Presidente do Congresso Nacional, Sr. Presidente da Câmara dos Deputados, Sr. Embaixador Mário Gibson Barboza, Ministro das Relações Exteriores, Srs. Ministros de Estado, Sr. Embaixador José Manoel Fragoso, Sr. Governador do Distrito Federal, Sr. Comandante das Forças Armadas, Srs. Representantes das nações amigas, Professor Herculano Amorim Ferreira, Presidente da Academia de Ciências de Lisboa, Srs. Delegados da Academia Brasileira de Letras, minhas Senhoras e meus Senhores, Srs. Congressistas, aqui nos reunimos, português e brasileiros, para saudar a nós mesmos, tanto Brasil e Portugal são o mesmo povo, de tal forma o oceano, hoje como em 1500, antes de medida de distância, constitui, pelo caminho ericado dos mares ou, acima, pela esteira azul dos céus, roteiro de aproximação, de harmonia, de amor.

Comunidade sempre fomos, desde que os navegadores lusos contaminaram de civilização a terra moca de Pôrto Seguro. Línguagem houve, naqueles dias remotos, capaz de ser compreendida pelos peninsulares surpreendidos e pelos nativos em sobressalto. Foi esse entendimento que frutificou no curso da história, e que encontrou, no poema da morte de Moema enamorada, a primeira e a mais romântica manifestação de afeto, que

sempre uniu o povo dêste e do outro lado do Atlântico.

Teceu a Coroa, ela mesma, sem hiatus, a emancipação política da província, consequência inafastável da abertura dos portos às nações amigas, "floral novo do Brasil, mui superior em motivo e efeito à magna carta, de que os ingleses tanto derivam à felicidade nacional", na palavra agradecida do Visconde de Cairu. Em reunião do Conselho Ultramarino, na segunda década do século XVIII, recorda Wanderley Pinho que o Conselheiro Rodrigues da Costa advertia que "é muito para recear que aquêles vassalos cometam o desatino de se separarem da cabeça da monarquia, o que temem muitas pessoas prudentes que trataram e tentaram os ânimos daqueles vassalos". Ajunta o historiador pátrio que "já em 1715 a abertura dos portos seria o mesmo que a independência do Brasil. Mais, e muito mais, em 1808". Ninguém disso se apercebeu tão avisadamente como D. João VI, ao segredar a D. Pedro o sábio conselho que as crônicas repetem.

Tivemos, Excelências, a graça de converter o "desatino" em comunhão definitiva, assim se apagou, nas voltas do tempo, a notícia dos que lutaram por não deixar o solo brasileiro. Hoje, êsses que resistiram vivem envolvidos na mesma aura de respeito e compreensão dos que a elas se opuseram. Breve espaço entre duas épocas foi bastante para demonstrar que, mesmo sem o saber, os português não lutavam para ficar dominando em nome do Reino, mas pelejavam para não sair, dominados que estavam pelos encantos da jovem terra. Eles por que a ela regressaram, todos eles, por si ou seus descendentes, para aqui plantar novos lares e semear trabalho e riqueza. A Pátria que os soldados português do passado desejavam ligada a Portugal, a mesma Pátria que os brasileiros do Ipiranga e de Pirajá aspiravam livre, realiza agora o milagre de estar unida e de estar separada da antiga metrópole. Foi êsse impossível que o amor construiu a cada minuto, sem intermitências, nem vagares. Bem dissera o vate imortal que "impossíveis não há que amor não vença". Ontem, a insubordinada gênua das raparigas, sem flê, que não sabem porque alguém as persegue,

Hoje, a espontaneidade, o entendimento, a concórdia. As calças compridas que o Brasil veste não o desbrigam de bendizer os primeiros cuidados da mãe-pátria. E mesmo quando as máquinas desalmadas do progresso hajam mutilado, na doce terra que Tomé de Souza fundou, a quadricentenária Rua do Colégio, continuamos a palmilhar, na paisagem verbal de Monsenhor Paiva Marques, "a primeira avenida da Pátria, por onde o Brasil passou, criança ainda, de livros debaixo do braço, para se alfabetizar no Colégio dos Jesuítas".

"Entre Brasil e Portugal — proclamou-o Marcelo Caetano, na Universidade Federal do Rio de Janeiro — existe uma comunhão de afetos, nascida de origem comum, dessa constante presença do elemento português na grande maioria das famílias brasileiras, dessa saudade entranhada nas famílias português pelas parentes que estão no Brasil". E aduziu, inspirado: "Num mundo que anseia pela paz com raízes no entendimento entre os homens, nós estamos em posição privilegiada. Fomos feitos para nos entendermos. Nada de profundo e de consistente nos separa. Tudo nos chama à colaboração e à amizade. A grande tarefa da inteligência é compreender. E, através da compreensão, unir. Os intelectuais de ambos os países devem por isso ser os sacerdotes da religião de nossa amizade. Por mim, espero não ser nunca infiel a esse dever".

Não somos dois povos que, para amar, necessitem conhecer melhor um ao outro. Constituimos um só povo, que da Torre de Belém se debruça sobre nós. Nossas datas maiores são também datas maiores de Portugal. No próximo ano, a Comunidade Luso-Brasileira estará em festas, com o sesquicentenário do Sete de Setembro.

É a hora de tornarem os brasileiros a Portugal, ainda os que daqui jamais saíram, para o reencontro com a docura e o carinho daquela nobre gente. Para viver os encantos de uma acolhida debulhada em ternuras, para ouvir o fado gemendo no traçado sinuoso da Mouraria ou soluçando no dédalo das ruas multicentenárias da Alfama, a repetir a interrogatione in-

É a hora de voltarem os brasileiros a Portugal para conviver, no Chiado e no Rocio, com os personagens que o gênio de Eça de Queiroz espalhou nos livros de cabeceira das gerações que viveram depois dele.

É a hora de volverem os português do Brasil ao regaço materno, o tempo bastante para afogar nas quintas bucólicas e nas videiras floridas, e sepultar no silêncio das vetustas catedrais, de naves gastas de tantas ajoelhações, as renitentes saudades que não deixaram morrer.

É a hora de retornarem ao Brasil, ainda os que de lá jamais saíram, os português que, à beira do Tejo, têm os ouvidos abertos para recolher quanto se murmura sobre a terra e a gente de Santa Cruz. Que esquadrinham as ladeiras íngremes da Bahia, e entendem os gorjeios dos sabiás e de Gonçalves Dias, e doiram o corpo sob o sol moreno de Copacabana, e cantarolam versões vernáculas de sambas agitados que agridegram gramáticas e acordos ortográficos, e devassam com os olhos compridos do desejo os enlevo da civilização que fincaram em plagas dadiosas, acima de raças e religiões, e floresce nesta Brasília-menina-móca de tantos sonhos e tantas esperanças.

Mas não basta, minhas Senhoras e meus Senhores, convocar brasileiros e português para essas romarias de confraternização. Há que criar condições para que tal peregrinar resulte possível e proveitoso. Essa, a missão urgente dos governos, de Portugal e do Brasil. Tarifas especiais, tão comuns em momentos de menor significação, na Europa e na América do Norte, devem ser impostas às empresas que transportam e hospedam no ano cívico de 1972, que temos a obrigação de celebrar como uma data comum, d toda a comunidade luso-brasileira. Não nos impressionem as dificuldades. Não nos intimidem as objeções. Maiores, infinitamente maiores, foram as angústias vividas pelos companheiros de Cabral, velejando as oussadas caravelas aos caprichos de abençoada calmaria. Maiores, infinitamente maiores, os riscos que Sacadura Cabral e Gago Coutinho venceram para afirmar a presença de Portugal nas comemorações do Centenário. Se integrarmos, numa só família, e realmente assim o queremos, efemérides existem

em que imperioso se torna congregá-la, para um cavaco franco e amorável, conciliando divergências, expungindo arestas, aconchegando, unindo, congraçando.

Sim, português e brasileiros constituímos um mesmo povo. Por isso a comunidade celebra hoje o primeiro encontro de brasileiros e português. Pouco importa que quatrocentos e setenta e um anos hajam transcorrido daquele outro 22 de abril. Sómente o amor realiza o milagre de não permitir que os séculos feneçam a juventude. E por que todos somos moços, olhamos confiantes o futuro. Nossas mãos estão umas nas outras. Temos todos a mesma idade. Os povos só envelhecem quando perdem a confiança em si mesmos, nos dias que hão de vir. E nós cremos.

Agora é caminhar, é não interromper a marcha. O horizonte que buscamos está cada vez mais próximo. Sim. Excelências, agora é caminhar, é não interromper a marcha. (Muito bem. Muito bem. Palmas prolongadas. O orador é cumprimentado.)

O SR. PRESIDENTE (Petrônio Portella) — Concedo a palavra ao Deputado Dayl de Almeida, para falar em nome da Câmara dos Deputados.

O SR. DEPUTADO DAYL DE ALMEIDA (Sem revisão do orador.) — Exmo. Sr. Presidente do Congresso Nacional, Exmo. Sr. Presidente da Câmara dos Deputados, Exmo. Sr. Ministro de Estado das Relações Exteriores, Embaixador Mário Gibson Barboza, Exmos. Srs. Ministros de Estado, Excelentíssimo Sr. Embaixador José Manuel Fragoso, Exmos. Srs. Senadores, Exmos. Srs. Deputados, Exmo. Sr. Governador do Distrito Federal, Senhores Membros da Academia de Ciências de Lisboa, Srs. Membros da Academia Brasileira de Letras, Exmas. autoridades civis e militares, minhas Senhoras, meus Senhores: não sei se o conceito sociológico de comunidade perfeitamente se adapta aos profundos vínculos históricos que inspiram as festas deste dia. Sei, entretanto, que uma transatlântica geografia sentimental criou, entre a pátria de Camões e a terra de Rui, certo estilo de vida, onde a família e o altar se aquecem nas chamas do amor, do amor enérgico de cordialidade de brandura e carinho. Sei tão-só que lá

e aqui fala a língua dos nossos povos e vibra a alma de nossas gentes no mesmo tom das epopeias e das baladas, entre a cruz e o arado, em busca de lume e de pão.

Se, por uma face, a comunidade luso-brasileira não se integra em área única de comunhão existencial, tecida pela intimidade das associações diretas, por outra, se estrutura, em espírito e verdade, à luz de valores conjugados e correlatos.

De fato, as distâncias continentais, que os mares medeiam, não destroem os ideais comuns criados pelo milagre do espírito, pela vitória da língua, pelo poder da fé. No descontínuo de seus espaços há tradições continuadas. Em suas distantes terras há emotivas aproximações. Em suas diversas áreas há costumes idênticos. Onde quer que estejamos — brasileiros e português, na Europa, na América, na África, na Ásia e na Oceania — podemos dizer: "Bom dia, irmãos!"

Navegadores ou bandeirantes, missionários ascéticos ou aventureiros eróticos, preando índios, escravizando negros, no litoral, no sertão, nos fortins ou nas fazendas — com ouro ou com fome — dilatamos, juntos, a fé, a língua e o império.

Demos à fé às marcas de uma intimidade doméstica que fêz, por exemplo, da Virgem Mãe de Deus algo possivelmente próximo, permitindo-nos tratá-la, com candura filial, de Minha Nossa Senhora. Demos à língua um sabor de mel, muito doce, carinhosamente íntimo, na languidez dos diminutivos constantes. Demos ao império um sentido paternalista, amortecendo-lhe a força soberana com as habilidades das transigências oportunas e concordativas.

Não somos frios utilitaristas, nem pragmáticos exercitados. Mas, na admirável plasticidade de nosso espírito e na inquestionável versatilidade de nossa inteligência — soubemos, na síntese feliz de Gilberto Freire, emendar a hora ao jardim, a igreja à casa, a botica à cozinha, o útil ao agradável, o íntimo ao sobrenatural.

Português e brasileiros somos grandes, na singularidade de nosso tropicalismo. Não "abuso de gestos re-pentinamente amigoses" da parte de "neidades de nossas decisões impulsivas"; revelamo-nos "o mais doce estranhos"; Aventurosamente individualistas,

exemplo" de "cordialidade doméstica". Amamos o sol e o calor e nos sensualizamos na gula anti-racista pela mulher exótica, da moura à negra, da india à chinesa. Desmoralizamos o marxismo e tódas as nobiliarquias com efusões de abraços, com espontâneos apertos de mão e descontraídas palmadas nas costas, socializando afetos para além das classes e até das castas. Ondas contínuas de compreensão e de tolerância descolorem brasões e arenizam padrões. Amornamos a candêncio do Equador e aquecemos a algidez do inverno europeu. Somos, debaixo do rigor dos trópicos, a civilização da domesticidade cordial.

Os português, lembra Sérgio Buarque de Holanda, levaram insinuantes familiaridades às terras de suas conquistas, adaptando-se a elas, inclusive pelo sexo, sem, contudo, desfigurar a alma patricia. Marcam sua presença no mundo com as marcas de um inédito realismo humanitário, que Oliveira Viana põe em relevo para explorar a unidade brasileira, no centrifugismo de nossas terras sem fim.

As particularidades xenófobas de certas culturas e ao racismo exclusivista de tódas as cōres oferecemos os exemplos policrônicos e polivalentes de uma sociedade multirracial e pluricultural. Esta a herança melhor e o maior milagre da colonização lusiada: "sua capacidade única de perpetuar-se em outros povos", comunicandolhes ao sangue e à cultura "tantos de seus motivos essenciais de vida e tantas de suas maneiras mais profundas de ser."

"Depois de Cristo" — é Gilberto Freire quem fala — "ninguém contribuiu mais que os português para a fraternidade entre os homens."

Aqui, no Brasil, porque penetrados de lusitanidades, somos, hoje, um povo de sentimentos amenos. Um povo sem fel, um povo bom. Mas um povo que pensa e age por explosões, sensível aos misticismos, sujeito a súbitos arroubos e a profundas apatias.

Nossa imaginação criadora, fantasiosa e inconstante, à custa de sua incoercível sentimentalidade, é, paradoxalmente, fatalista e melancólica. Não temos de obsessivo nas subita-neidades de nossas decisões impulsivas. Aventurosamente individualistas,

cremos, como coletividade conformada, na regência fatal do destino.

A nosso ver, a marca mais feliz do povo brasileiro, bom filho de Portugal, é a da cordura compreensiva. Amorosa e amolecidamente, nenhum de nós se furtá à pergunta costumeira: "Mas... não se pode dar um jeitinho?" Ou' a esta, quase folclórica, consagrada pela gíria: "Não se pode quebrar esse galho?"

O que buscamos sempre, por instinto e por inteligência, é paz e amor. Quebrar um galho, dar um jeitinho, isto, sim, é o nosso feitio. Um desejo, um feitio de convivência sem barreiras herméticas, sem cânones dogmáticos.

Estou em que nossa aversão ao comunismo totalitário e absolutista vem menos de nossas crenças religiosas do que de nossas tendências cordiais. Não o entendemos, porque não o sentimos. Ele é o ódio total; nós, o amor repartido. Ele, a violência sistemática; nós, o carinho desordenado. Ele, o orgulho da razão; nós, a humildade dos sentimentos.

No Brasil, como em Portugal, o próprio catolicismo entende menos de dogmas do que de misericórdias, e mais de festas do que de disciplinas.

Marcelo Caetano afirmou: "Num mundo que anseia pela paz, por uma paz com raízes no entendimento entre os homens, nós estamos em posição privilegiada. Fomos feitos para nos entendermos. Nada de profundo nos separa. Tudo nos chama à colaboração e à amizade. A grande tarefa da inteligência é compreender. E, através da compreensão, unir".

Ora, compreender, colaborar e entender, pacificar, amar e unir, são os verbos preferenciais dos luso-brasileiros, verbos cristãos, verbos profundamente não-marxistas.

Unidos, pois, pela fé, pela língua e por tantas tradições comuns, podemos, de fato, consagrar o entendimento e a compreensão, pelo cooperativismo e pela cordialidade. Nenhum povo, como os nossos povos, dispõe de tão profundos e arraigados valores comunitários para a obra inédita da paz eterna entre os homens.

como base no amor sem fronteiras e universal.

Irradiaremos, da América, da Europa, da África, da Ásia e da Oceania — que a tantos continentes atinge a comunidade luso-brasileira — os valores de nossa cultura, evoluindo para "uma aliança supranacional a traduzir um ideal de integração":

O espírito da Comunidade Luso-Brasileira aí está, alicerçado em quatro séculos de História, como seiva de nossa cultura comum. Mais cultura é complexo e comunidade é relacionamento, que não vivem sólamente do espírito. Exigem um lastro objetivo e concreto a que nos poderíamos referir como sendo o seu corpo, a sua matéria, a sua infra-estrutura. É o que, em outras palavras, nos diz uma das mais realistas teses aprovadas pelo 2.º Congresso de Comunidades da Língua Portuguesa, realizado à vista de Lourenço Marques: "A Comunidade não poderá ser uma realidade operativa sem contar com uma base material consubstanciada na crescente complementação das economias brasileiras e dos territórios português".

Integrados num universo de competições econômicas, ideológicas e militares, Brasil e Portugal, dispondo de uma situação geográfica privilegiada, devem unir-se em torno de seus próprios interesses.

Juntos podemos, pelas portas de Angola e Moçambique, de Macau e Timor, buscar mercados ao sul do equinócio e no místico Oriente. Pelos caminhos de Lisboa e do Rio de Janeiro poderemos ganhar a Europa e a América do Sul, através do EFTA e da ALALC.

Em 22 de abril do ano passado, dessa mesma tribuna, o Sr. Deputado Nunes Leal perguntava: "Que estranhos poderes afastam, por exemplo, a PETROBRAS da pesquisa e da exploração petrolífera nas Províncias Ultramarinas de Portugal, se, afinal, Recife e Loanda não distam tanto entre si?

Que azares impedem a criação de sociedade ou empresas mistas, com

capitais brasileiros e portuguêses, se todos estamos bem próximo uns dos outros, se temos fronteiras na Europa e na América, na África, na Ásia e na Oceania? Por que não nos unimos se já estamos juntos? Se juntos "somos uma força nos cinco continentes", se juntos somos "a garantia de paz e segurança do Atlântico Sul", unidos "seremos uma cultura que se expande ao redor do globo." (Marcelo Caetano).

Por si só o Brasil de hoje é, geográfica e demograficamente, a maior nação latina da terra, a única, na História, a tornar-se independente sobre 8.500.000 km², falando a mesma língua e cultivando as mesmas tradições.

A Portugal devemos o que somos. Foi ao milagre de sua presença edificante, vencendo distâncias, águas e selvas, triunfando sobre a solidão e a febre, foi a constância pertinaz de seu domínio heróico sobre o caos que nos colocou no palco da História.

Sua gente soube unir, como diz Pedro Calmon, a firmeza do domínio à defesa da fé e à propagação da língua. Por isso, "à expansão do idioma correspondeu a efetiva conquista do território" e, como diz Gilberto Freire, "o epíteto que indicava a crença representava a nacionalidade."

É esta a vitória que não queremos se perca. Somos nós mesmos o que queremos salvar. Queremos salvar-nos, preservando nossa identidade, identificando-nos, pela unidade, unindo-nos, para vencer. Para que vença o homem bom e cordial que somos. Para que vença o Humanismo cristão. Para que reine a Paz. A Paz pelo Amor, o Amor pela compreensão. (Muito bem. Palmas prolongadas. O orador é cumprimentado.)'

O SR. PRESIDENTE (Petrônio Portella) — Agradecendo o comparecimento das excelentíssimas autoridades, quero assinalar, desvanecido, a presença dos ilustres membros da Academia de Ciências de Lisboa e da Academia Brasileira de Letras.

Declaro encerrada, a Sessão.

(Levanta-se a Sessão às 11 horas e 50 minutos.)

Anais da Constituição de 1967

Os ANAIS DA CONSTITUIÇÃO DE 1967, obra elaborada pela Diretoria de Informação Legislativa e impressa pelo Serviço Gráfico do Senado Federal, compreendem 7 volumes em feição inteiramente nova, diversa do estilo tradicional de Anais.

Ao quadro comparativo (Projeto de Constituição de 1967 — Constituição de 1964 — Emendas Constitucionais e Atos Institucionais) distribuído aos Senhores Congressistas no início da discussão e votação da nova Constituição, seguem-se, agora, os demais volumes dos Anais.

1.º VOLUME: Edição 1967 — 420 págs. — Preço: Cr\$ 6,00. Antecedentes da Constituição através do noticiário da imprensa.

Neste volume são divulgadas as principais manifestações da imprensa brasileira, no decorrer do ano de 1966, em editoriais, crônicos, entrevistas e reportagens, abordando a reforma constitucional desde a indicação da Comissão de Juristas; o texto do Anteprojeto da Comissão de Juristas; as divergências ocorridas entre os membros daquela Comissão; as manifestações de Congressistas e constitucionistas face ao problema da outorga, eleição de uma Assembléia Constituinte, ou ato convocatório do atual Congresso; o papel desempenhado pelos Presidentes do Senado Federal e da Câmara dos Deputados, Senador Moura Andrade e Deputado Adauto Lúcio Cardoso, em defesa da independência e soberania do Poder Legislativo, críticas e sugestões ao Projeto de Constituição e análise dos Capítulos do Projeto originário do Executivo e remetido ao Congresso em 12 de dezembro de 1966.

2.º VOLUME: Edição 1967 — 432 págs. — Preço: Cr\$ 5,00. Primeira fase de tramitação do Projeto de Constituição no Congresso Nacional — Discussão e votação do Projeto

Este volume contém os pronunciamentos dos parlamentares nas 18 sessões conjuntas realizadas de 12 a 21 de dezembro de 1966 para discussão e votação do Projeto de Constituição.

Focaliza as manifestações referentes à matéria constitucional, fornecendo, para facilitar as pesquisas, índices de sessões, autores (de discursos, apêndices, declarações de voto e questões de ordem) — com pequeno resumo dos temas abordados — e ainda um índice de assuntos.

Índices deste gênero são apresentados em todos os volumes dos Anais e compendiados em um volume final de Índice Geral.

3.º VOLUME: Edição 1968 — 202 págs. — Preço: Cr\$ 5,00. Discursos pronunciados em sessões do Senado Federal e da Câmara dos Deputados

Discursos pronunciados antes do envio do Projeto da nova Constituição ao Congresso Nacional, assim como aquêles referentes ao período da convocação extraordinária do Congresso, com uma cobertura completa dos trabalhos constitucionais, a partir de 29-11-66 até 11-1-67.

4.º VOLUME: Edição 1968 — 1.192 págs. — (2 tomos) — Preço Cr\$ 20,00. — Num total de 945 págs. Segunda fase de tramitação do Projeto de Constituição no Congresso Nacional.

Discussão e votação das emendas. Contém os pronunciamentos ocorridos nas sessões conjuntas realizadas de 5 a 24 de janeiro de 1967 para discussão e votação das emendas ao Projeto e promulgação da nova Constituição.

5.º VOLUME: Edição 1969 — 746 págs. — Preço: Cr\$ 10,00. Comissão Mista.

Contém as reuniões realizadas pela Comissão Mista encarregada de emitir parecer sobre o Projeto de Constituição e as emendas que lhe foram oferecidas.

6.º VOLUME: Edição 1969 — 1.076 págs. (2 tomos) — Preço: Cr\$ 20,00. Emendas oferecidas ao Projeto de Constituição.

Este volume apresenta cada emenda com a respectiva justificação e sua tramitação detalhada: pareceres (dos Sub-Relatores, do Relator-Geral e da Comissão Mista), requerimentos (destaque, preferência, votação conjunta) e votação. É feita a remissão ao 4.º volume da obra, com indicação nas páginas.

7.º VOLUME: Edição 1970 — Quadro Comparativo Constituição de 1967 — Projeto originário do Poder Executivo — Emendas aprovadas; artigo por artigo. Vol. com 282 páginas — Preço Cr\$ 8,00.

NOTA: A distribuição desta obra foi entregue, pelo Serviço Gráfico do Senado Federal, à

FUNDAÇÃO GETÚLIO VARGAS.

A quem devem ser endereçados os pedidos:

No Rio de Janeiro: Praia de Botafogo, 190 — ZC-02
e Avenida Graça Aranha, 26.
(Atende pelo Serviço de Reembolso Postal.)

Em S. Paulo: Av. Nove de Julho, 2029 — C. P. 5534
Em Brasília: SQS. 104 — Bloco "A" — Loja 11.

Serviço Gráfico do Senado Federal
Caixa Postal 1.503
Brasília — DF

EDIÇÃO DE HOJE: 8 PÁGINAS.

PREÇO DESTE EXEMPLAR: Cr\$ 0,20